

PINTO DO AMARAL,
Fernando. *A Escada de
Jacob*. Lisboa : Assfrio &
Alvim, 1993. 126 p.

Fernando Pinto do Amaral consegue aliar a reflexão teórica sobre a poesia portuguesa contemporânea à sua própria criação poética. Intelectual atuante no cenário cultural de seu país, tem-se dedicado a ler a produção poética recente, numa fundamentação teórica voltada para as questões da modernidade e do pós-moderno (um dos pioneiros na implantação desse conceito no debate estético em Portugal), a que articula com frequência a tendência melancólica de fim de milênio. *O Mosaico Fluido -modernidade e pós-modernidade na poesia portuguesa mais recente* (Lisboa : Assfrio & Alvim, 1991) apresenta um vasto painel dos mais interessantes percursos poéticos das duas últimas décadas. Publicou ainda importantes traduções (*As Flores do Mal*, de Charles Baudelaire, *Poemas saturnianos e outros*, de Paul Verlaine) e um provocante volume de ensaios, *Na órbita de Saturno* (Lisboa : Hiena, 1992), em que a teoria e a prática literárias efetivamente se misturam, apresentando palavras de um sua dedicatória.

Seu livro de estréia em poesia, *Acédia* (Lisboa : Assfrio & Alvim, 1990), inscreve-se de forma acerada numa região escorregadia da modernidade (nem por isso despicienda): aquela que aposta na herança de processos românticos e simbolistas, sem ignorar as conquistas posteriores. Esta opção ainda é válida no volume de

que se trata:

Despedi-me de ti há pouco tempo, mas continuo a ver-te, ignorando por que me agrada ainda a sensação de ter morrido mais um pouco. A vida vai arrastar-me ao longo de outras vidas entre o maelström dos bares onde irei afogar esta ansiedade exausta - não é grave, eu sei que não é grave e que entre nós há de restar pelo menos a sombra de um anjo que nos segrede uma palavra mágica e saiba prolongá-la em tudo o que algum dia - talvez daqui por meses, anos, séculos - ainda formos capazes de sentir. (p. 39)

Diante de tais versos, percebe-se o domínio na criação de uma atmosfera oitocentista relacionada às mágoas amorosas, a que não falta a (levemente erótica) nota escapista, como se o movimento simultâneo de apagar a angústia e levar a consciência para o vazio dos bares correspondesse a um êxtase sensual e inebriante (para o que muito contribui a palavra nórdica, empregada numa narrativa de Edgar Allan Poe - "Uma Descida ao Maelström.") Noutros versos, são endereçados envios a Pessanha (p. 16), a Antônio Nobre (p. 27), a Pessoa (p. 63), sem esquecer o "Apócrifo Pessoaano" (p. 83) e as epígrafes de Emily Dickinson e Hugo Von Hofmannsthal. A disponibilidade aos objetos e ao cotidiano dessa escrita não

anula a sua contaminação mística (o anjo como duplo do poeta), recorrente em inúmeros outros passos, como no final do poema 6 de "Setes degraus para a escada de Jacob", em que o poeta é aquele que sente o sorriso da solidão e sabe que *em certas noites / são as estelas mortas que nós vemos / com mais fulgor*, aquele que sabe ouvir a *clandestina pulsação de um rosto / aproximando a fala de outro céu*. (p. 77) A identificação anjo/poeta chega a ser explícita: *...mas é possível / vislumbrar de repente / as coloridas auras que nos cercam / divinas e terrenas, como o anjo / em que me transformei* (p. 30-31)

Os degraus desta *escada* de procedência bíblica, sabidamente os da privação, da violência do tempo e da espera, ocupam a cidade desolada, na iminência de uma experiência amorosa expectante: *...As ruas da cidade / revelam cada rosto do passado, // cada perfil ou cada olhar - sorrisos / que setembro segreda e vou sentindo/ como se fossem teus, como se ainda / por milagre viesses ter comigo// a mais um bar deserto ...* (p. 14). As evocações de lugares surgem contaminadas pelos variados estados emocionais, com predomínio da melancolia -...- *ainda hoje lá estão / os três castelos entre ruas, praças / e essa mesma fonte: uma foca de pedra / acesa pela noite, olhando o céu, / as ingratas estrelas de setembro*. (p. 44)

A longa exposição de quadros articulados à infelicidade amorosa parece motivada pela intersecção de um real, já de si carregado de tradição lírica. Inúmeras são as marcas neo-românticas, entre elas, o jogo de projeções interior/exterior, o amor como

impossibilidade, a tragédia sentimental, a consciência da relatividade do eu. Pode-se questioná-las, mas há que reconhecer sua eficácia e coerência, quando integradas (e atualizadas) numa vertente do pós-moderno europeu. É compulsório lembrar, por exemplo, de poemas românticos alusivos à dança (seja "Aquela Noite", de Garrett) diante de fragmentos como este: *... e o vazio do mundo, condensado / nos gestos familiares que todos esboçavam/ só para ti, ó princesa das fadas/ subitamente erguida; "Agora vou dançar."// Não precisámos de andar muito. O Ri z / brilhava assim, faltava-lhe uma letra,/ e ao entrarmos ias repetindo/ que nunca saberás o que é sofrer. (...)* (p. 32-33)

O que o crítico Fernando Pinto do Amaral afirma a respeito da poesia dos anos 80 aplica-se também à sua própria produção poética:

...era importante reaprender um lirismo mais desintelectualizado e voltar a olhar de frente as certezas e as dúvidas do coração. Como consequência, parecem hoje reabilitadas algumas palavras (por exemplo, alma ou destino) que há tempos atrás repeliam quem delas se tentasse aproximar. Sinais de um novo romantismo? À falta de outro nome, chamemos-lhe assim, mas tendo consciência de que a História, não sendo linear nem circular, progride talvez em espiral, ou por outras palavras: recuperada a noção de

subjetividade, ela é agora uma subjetividade diferente - menos centrada sobre cada sujeito ou, se quisermos, mais passiva e anônima, irremediavelmente dispersa e sem lugar. (AA. VV., *A Phala/um século de poesia*. Lisboa : Assfrio & Alvim, 1989, p.158-178).

Confrontadas com a própria poesia (e guardadas as específicas proporções e espessuras), as palavras do crítico não podem sugerir a aceitação de um certo epigonismo? Ancorado no diálogo com a tradição literária, o discurso poético revela "hesitação entre um certo prosaísmo lírico e um purismo quase simbolista, não fosse o seu inegável tom narrativo", como assinala Lufs Manuel Dias (*Românica*, 3. Lisboa : Cosmos, 1994, p.215). O que essa poesia segreda (para usar um verbo nela recorrente) não se coloca a serviço de nenhuma sexualidade ambígua, e sim como colóquio tímido e ansioso, às vezes desesperado, entre as miragens de *um coração ardendo* (p. 73) e as tormentas e afagos das estações - *...queria tocar-te/ não conseguia;/ a minha arte / sempre foi essa/ melancolia* (p. 86).

Edgard Pereira

Melo, João de.
O Homem Supenso.
Lisboa : Dom Quixote, 1996,
217 p.

Após *Gente Feliz Com Lágrimas* (grande prêmio de Romance e Novela da APE, 1988), João de Melo (1949), poeta em *Navegação da Terra* (1980), contista em *Entre Pássaro e Anjo* (1987) e *As Manhãs Rosadas* (1991), autor de uma vasta antologia alusiva à guerra colonial (*Os Anos da Guerra*, 1988) entre outros títulos, retorna como romancista. E o faz com uma linguagem exuberante, de intensa atmosfera poética, próxima das situações extremas da tragédia e das ligeiras sutilezas da alegoria.

Sob o signo das revisões e exames de consciência de fim de século (e milénio), seu mais recente romance envereda pelas trilhas de uma irônica construção/ desconstrução de uma identidade histórica portuguesa, cujos valores, ao desmoronarem-se, revelam sua granfítica estrutura. Disso certamente é metáfora o desencantado périplo do narrador pelas largas avenidas e ruínas de uma Lisboa em ruínas: *Penso nos séculos passados, perdido no tempo em que a vida portuguesa não era este vazio nem esta esscassez de aventura, e depois volto à superfície da realidade. Agora não acontece nada em Portugal*. (p.32)

Antes do mais, registre-se o surpreendente retrato de uma cidade contraditória, almejando equiparar-se aos padrões da comunidade europeia, sem (querer) camuflar a nostalgia de seu passado glorioso. Coexistem lado a lado, no súbito desnudar-se a que é submetido o narrador, o fas-

cnio pela melancolia e simplicidade da alma portuguesa e a desconfiança num progresso prometido pela aliança econômica européia. A descoberta da miséria ambiente progride à medida que o protagonista, prestes a ver reconhecida sua trajetória intelectual, se vê proscrito da relação amorosa pela esposa a quem não soube adequadamente amar. A parada nas relações conjugais implica o abandono da casa e a conseqüente busca de pensão onde morar: *Não sei onde começa a pobreza e termina a sua desordem, nem se uma e outra apenas se confundem na escuridão e na sujidade. Sei é que há vidas bem tristes, ofícios que mais parecem condenações, lugares horrendo onde ninguém, vivo ou morto, de certo gosta de estar.* (p.81)

A interrupção da rotina familiar propicia uma desordenada e afetuosa ocupação da cidade e de seu tempo, um tempo *vastíssimo, limpo, sempre muito belo* (p.20), contígua à avaliação da própria identidade e dos valores (religiosos, morais, ideológicos, políticos) da cultura portuguesa. A busca desesperada e inútil da fé adolescente num convento, de socorro na amante clandestina, a descrença nos projetos intelectuais, a partilha do abandono com um cão de rua, a descoberta do encanto *ferroso, encarvoado esqualido*, mas *digno* de fachadas lisboetas, a perda do sentido da origem com a morte do pai, o conflito entre a vida e a erudição, algumas amargas impressões sobre a Europa cristã, as falhadas tentativas de reconciliação com a esposa, o reencontro com a simplicidade aldeã e com irrealidade cruel de algum cotidiano, são etapas de uma dilacerante descida aos infernos.

A atualidade dos temas e das propostas institucionais, o alcance e o significado histórico de suas intervenções são questionados numa percepção crítica localizável - inscrita nas últimas palavras (*Escrito entre 19.12.1991 e 22.9.1995*) - ainda que pontuada no intertexto por citações da *Peregrinação*. É sabido que o texto de Fernão Mendes Pinto, escrito no heróico século XVI, na superfície um relato de viagens, constitui uma denúncia da ideologia das cruzadas, com uma crítica disfarçada, envolta em linguagem, como afirma Lélia Parreira Duarte, " numa perspectiva de quem aparentemente não compreende o que narra". (Cf. *Caminhos*, 7. Belo Horizonte: APUBH, 1993). O jogo intertextual com a *Peregrinação* seria um índice de crítica à globalização econômica, em curso nos países da CEE? Esse livro será o derradeiro elo do narrador com a cultura, lido em êxtase, *como lêem os crentes e os devotos, passando versículos e parágrafos, sentindo passar por aqui o frêmito da dimensão universal...*(p.31) Ao lançar ao Tejo sua tese de doutorado, livro *tão alto quanto o eram a consciência e a honra da minha dignidade acadêmica* (p.31), o narrador vê-se dividido: uma parte de si é levada pelas águas, *vai por esses mares navegando, chegará talvez às partes da Índia, e às outras todas da minha perdição...* (p.31). A outra parte resiste em terra, *com uma coita, com uma doença de amor no olhar* (p.37) diante do mar, com a *Peregrinação* e Lisboa diante dos olhos, duas mágicas ficções, as únicas por que vale a pena se prender e se perder.

Edgard Pereira

Resenhas - Págs. 271-278